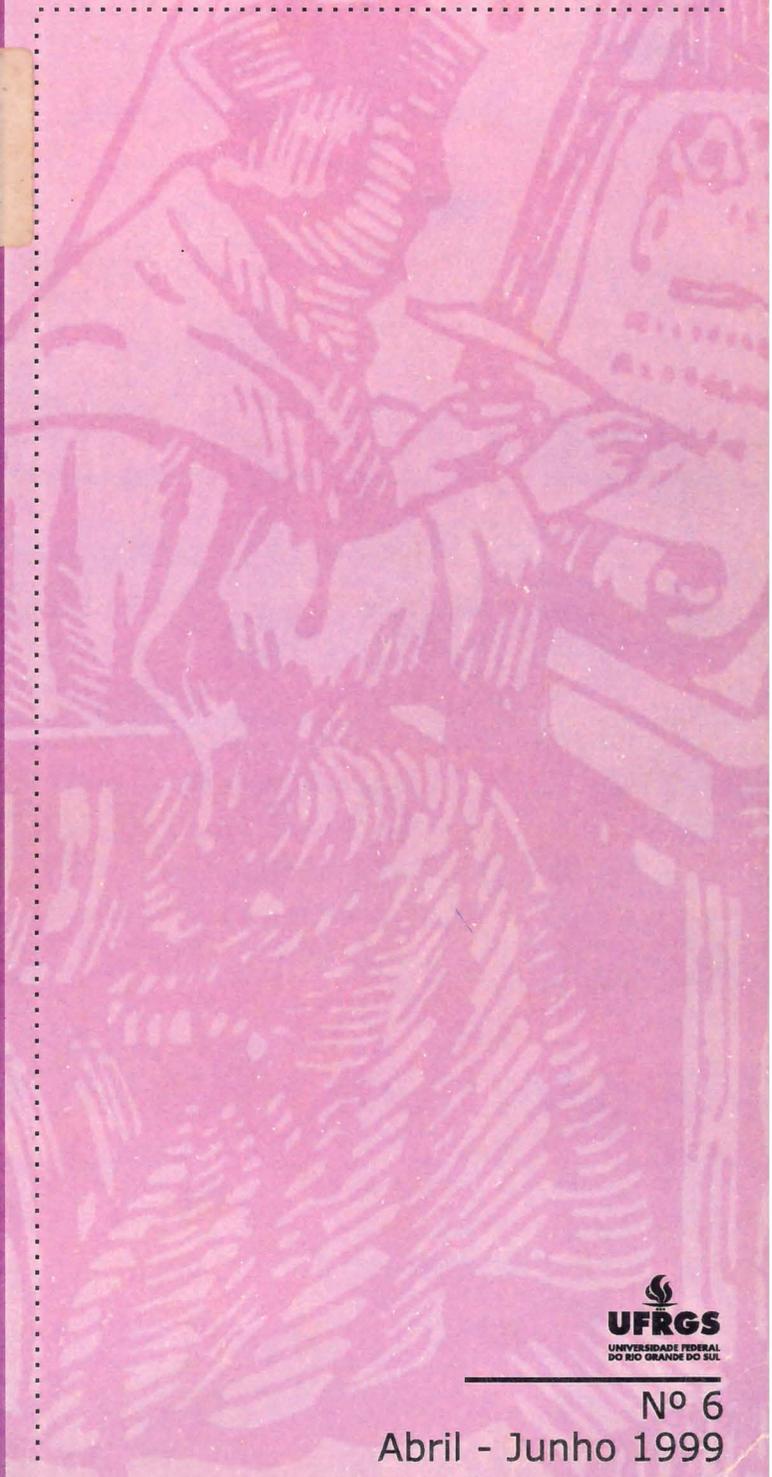


# Cadernos de Tradução de Tradução

Cadernos de tradução (Porto Alegre) - 1999 n.6 abr/jun

P  
400  
A12

Instituto de Letras <sup>I-JAB</sup>



  
**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

Nº 6  
Abril - Junho 1999

Quem não utilize adequadamente a informática perderá competitividade e, mais, as amplas possibilidades de emprego que ela oferece.

A formação atual do tradutor apresenta insuficiências para enfrentar a modificação compulsória. Por isso, é preciso melhorar o ensino destas especialidades.

Para a prática pública e privada é preciso elaborar uma política nacional de planificação lingüística a nível local, nacional e internacional que permita usar mais eficazmente as potencialidades existentes, já que a ilha ainda possui um bom número de tradutores em idiomas tão variados, como o inglês, francês, alemão, russo e outros, mas essa situação pode tornar-se negativa se sua aplicação continuar sendo postergada.

Os tradutores cubanos sempre contribuíram com seu trabalho para o enriquecimento e a expansão do idioma espanhol, assim como da cultura cubana (esse conceito de cultura inclui a ciência, logicamente). Entretanto, seu trabalho poderia ser mais estimulado no final do presente século e alcançar quotas superiores no próximo se, durante o Congresso da ACTI, em 1999, lhe for dado o apoio exigido pelo desenvolvimento mundial.

#### **Bibliografia:**<sup>12</sup>

- ALBUERNE, Teresa. Nuevo asalto al cielo. *Bohemia*. La Habana, 26 set. 1997.  
 OTERO DIEZ, Iván. Los profesionales y las especialidades lingüísticas en el período de 1998-2002. CTTE, La Habana, jan. 1998.  
 PEÑARROJA FA, Josep. *Intérpretes jurados. Documentos para su historia (II)*. Barcelona, 1996.  
 RODRÍGUEZ CASTILLO, Lourdes Arencibia. Apuntes para una historia de la traducción en Cuba. *Livius*, León. 1992.

<sup>12</sup> As citações foram feitas conforme o autor. Não foi possível completar suas referências. N.T.

## O girassol<sup>1</sup>

Meiko Shimon<sup>2</sup>

Tradução: Gizelda Ribeiro da Silva<sup>3</sup>

Desde criança, o girassol é uma das flores que eu mais gosto. Lembro que da semente plantada no jardim logo surgia uma plantinha. Essa crescia rapidamente, ganhava altura, ia ficando mais alta que uma pessoa adulta, e, sem demora, abria uma flor dourada, maior que o meu rosto. *Himawari* (literalmente "sol + girar" em japonês) é assim chamado porque se acreditava que o girassol mudava de direção, perseguindo o sol. Na realidade, a flor floresce virada para o sol nascente e, de fato, seria impossível para o caule da planta, mesmo robusto, alterar sua posição ao longo do dia. De qualquer maneira, eu olhava para aquela flor enorme com admiração e respeito.

Na região onde morei, quando vim para o Brasil, não encontrei nenhum girassol. Depois, quando passei a viver em Porto Alegre, de vez em quando avistava alguns nos jardins das casas, mas as flores eram pequenas e completamente diferentes da flor de girassol que eu trazia na memória.

É certo que as lembranças dos tempos de infância permanecem bastante nítidas em nossa memória, mas é verdade também que as coisas observadas através dos olhos de uma criança podem trazer, algumas vezes, inesperadas distorções ou falhas de memória. Quando já adultos, e tendo a oportunidade de revivenciar fatos semelhantes aos dos tempos de meninice, podemos ficar surpresos ou, até mesmo, decepcionados: "Ah, era só isso!".

A batata doce assada que era tão gostosa e nos deixava com água na boca, agora, décadas depois, quando a comemos novamente, percebemos que nem chega a ser gostosa. Ou seria, então, a batata que perdeu o sabor? O portal do templo xintoísta, com seus degraus que pareciam atingir o céu, nada tem de especial, é apenas um templo comum como tantos outros, com uma escadaria que dificilmente impressionaria os olhos de um adulto.

Por isso, comecei a perder a fé em relação a "minha flor de girassol", e a suspeitar que talvez ela não tivesse sido tão grande assim.

No entanto, ao assistir ao filme "Os Girassóis da Rússia", e vendo os grandes girassóis russos, com suas flores tão belas, e até mesmo maiores que o rosto da estrela Sofia Loren, compreendi que não tinha sido um engano da minha

1 Texto original intitulado *Himawari*, publicado em *Taiga*, n.º 8, dez. 1994, p.24-26. Agradecemos à autora a sua cessão.

2 Professora do Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 Bacharel em Letras - Japonês/Português pelo Instituto de Letras da UFRGS, onde, atualmente, é professora substituta.

memória. Contudo, uma nova dúvida surgiu: seriam russos os girassóis que floresciam no jardim da minha casa?

Há alguns anos, em uma certa manhã, como de costume, dirigia pela Ipiranga, em direção ao trabalho, quando inesperadamente meus olhos foram invadidos por uma enorme flor de girassol. Naquele arroio sujo, por acaso, brotou uma semente que alguém jogou fora. O girassol nutria-se do esgoto, e, no meio do matagal que beira o riacho, despontava com seu caule forte e longo de onde florescia uma magnífica flor amarelo-ouro brilhante. A imagem daquela flor indômita, tão cheia de nobreza, trouxe-me a lembrança de Sofia Loren.

Nas manhãs dos dois dias seguintes, quando ia prazerosamente para o trabalho, ficava imaginando que tipo de sentimento experimentavam, em meio ao turbilhão desta vida apressada, as pessoas dentro dos carros que vão e vêm pela Ipiranga ao verem aquele girassol.

Na manhã do terceiro dia, a brilhante flor dourada tinha sumido: Em seu lugar, restara somente o caule grosso e forte. A "cabeça" tinha sido cruelmente decepada.

As pessoas, quando entram em contato com algo belo, reagem de diferentes maneiras: umas apenas admiram com os olhos, outras sentem a necessidade de tocar com as mãos. Em ambos os casos, penso que o desejo de preservar o que é belo não seria diferente. Infelizmente, há pessoas que não sossegam enquanto não tomam exclusivamente para si o que seja de seu agrado. Há indivíduos insensíveis que, apenas para seu bel-prazer, tiram a vida efêmera de uma flor ou de um animal.

Penso que se pode afirmar que o mesmo acontece em relação a um idioma.

Atualmente, fala-se muito da desordem das línguas, e nessa mudança desordenada podemos incluir também o idioma japonês. Pessoalmente, vejo a língua como um ser vivo, sujeito a mudanças, como o tempo, e, por isso, ela tanto revive quanto morre, e sua continuidade depende de nossos esforços.

Acredita-se que um indivíduo carrega, em seu subconsciente, o conhecimento adquirido inconscientemente, ainda na tenra idade, o qual se transforma em valores importantes para a formação de sua personalidade. Certamente, a língua, os costumes e as tradições japoneses, apreendidos inconscientemente desde a infância, passarão a ser valores significativos para os descendentes japoneses, quando se tornarem cidadãos brasileiros adultos, participantes ativos da sociedade.

Por fim, considero uma missão para todos nós, professores de japonês, o ensino e a transmissão de nossa bela e autêntica língua materna.

## Como era gostoso o meu...brasileiro!!<sup>1</sup>

Lea Mara Valezi Staut<sup>2</sup>

- Ai! Que preguiça!... Macunaíma, o herói de nossa gente e sem nenhum caráter, que afirmou: *não! Não vou na Europa não. Sou Americano e meu lugar é na América. A civilização européia de-certo escolhamba a inteireza do nosso caráter*, está em terras de Rabelais e de Du Bellay, falando francês. Mas não só! Está também na Itália, na Espanha, na Alemanha, na Hungria, na Polônia, na Dinamarca...

Não é a primeira vez que o público leitor francês tem a oportunidade de conhecer a *rapsódia* ou *poema-herói-cômico*, como o criador designa sua criatura. Já em 1979, a Flammarion publicava, na coleção "Barroco", a tradução francesa de Jacques Thiériot, prefaciada por Haroldo de Campos. Agora, o mesmo tradutor retoma seu trabalho, revê e corrige sua tradução, enriquecendo-a com um glossário para esta edição crítica que, ao lado de criações de Arguedas, Guiraldes e Rulfo, integra o importante programa da coleção "Archivos", da Associação Archivos da Literatura Latino-Americana, Africana e das Caraíbas do século XX, uma espécie de ONG da UNESCO.

Em virtude do acesso a obras esclarecedoras (correspondências e obras inéditas de Mário de Andrade, ao lado de novos estudos críticos sobre sua obra), Thiériot viu-se impelido a empreender essa nova *etapa*, work in progress, *como é o caso de todas as traduções de obras-primas* (p.21, "Note du traducteur"), sobretudo a partir da edição crítica de *Macunaíma*, estabelecida por Telê Ancona Lopez (2.ed., São Paulo/Rio de Janeiro: ALLCA XX/ UNESCO, 1996), a qual permitiu-lhe afinar a pontuação e ajustar o sentido de certas palavras ou expressões.

Assim, desejoso de *rever, embelezar, até mesmo melhorar* (sua) *primeira versão* (p.19), o tradutor revela-se preocupado com a *língua brasileira* instaurada por Mário de Andrade, o que o leva a tentar restituir a miscelânea rítmica da rapsódia e da prosódia do conto popular através da utilização de palavras de origem tupi e antilhana, gírias e expressões rabelaisianas. A flora e a fauna, tão caras ao autor e exaustivamente nomeadas e enumeradas por ele para revelar as

<sup>1</sup> Resenha originalmente preparada para a Revista de Letras da UNESP, n.37/38, atualmente no prelo. Publicação cedida para o *Cadernos de Tradução* pela autora, que responde pela organização daquela revista. O texto resenhado foi ANDRADE, M. *Macunaíma*. Édition critique coordonnée par Pierre Rivas. Traduction de Jacques Thiériot. Paris: Stock / UNESCO / CNRS / AALLCA XX, 1996. 346p.

<sup>2</sup> Doutora em Língua e Literatura Francesa pela USP. Faz parte do GT-Tradução da ANPOLL. Tradutora e crítica de traduções desde 1984, leciona no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Assis /SP- Universidade Estadual Paulista (UNESP).